

Bourdieu, Chartier e os Diálogos entre a Sociologia e a História.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O Sociólogo e o Historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 134 p.

Amurabi Oliveira*

Apesar das dificuldades existentes no processo de articulação entre a Sociologia e História, cujo debate se assemelha muitas vezes, como sugere Braudel, como um “diálogo de surdos”, é inegável que estes campos não são estanques, tampouco, são impenetráveis, afinal, tanto o próprio objeto da sociologia possui uma historicidade, quanto a própria explicação dos acontecimentos históricos possui uma dimensão sociológica. Este livro encontra-se dividido em duas partes, a primeira, organizada em cinco capítulos, refere-se à série de cinco entrevistas de Pierre Bourdieu realizadas por Roger Chartier¹, que constitui a maior parte do livro, já a segunda (que na verdade é um posfácio) remete a um debate cujo tema foi Pierre Bourdieu e a História².

O foco central das entrevistas se dá em torno da obra de Bourdieu, sem dúvida um dos sociólogos mais debatidos atualmente, tanto entre cientistas sociais quanto entre historiadores, o fato dos dois serem amigos, e de conhecerem profundamente a obra um do outro, faz com que o debate no decorrer das entrevistas seja instigante intelectualmente, sobressaem-se nestas tanto o debate em torno do ofício do sociólogo e do historiador, de forma comparativa, quanto a discussão em torno das categorias analíticas de Bourdieu, em especial a de *habitus*.

O primeiro capítulo intitula-se: *O ofício de sociólogo*, que se mostra provocativo, pois, de forma inevitável Roger Chartier e Pierre Bourdieu acabam por realizar uma comparação entre o fazer do historiador e do sociólogo, este último,

* UFAL

¹ Trata-se de uma série de 5 entrevistas realizadas por Roger Chartier gravadas entre 7 e 8 de dezembro de 1987, no programa de rádio “À voix nue”, difundidos entre 1º e 4 de dezembro de 1988, e novamente transmitido entre 28 e 1º de fevereiro de 2002, após o falecimento de Pierre Bourdieu em 23 de janeiro de 2002, publicada na França em 2010.

² Trata-se de um debate realizado em 30 de abril de 2002, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ.

seria marcado pelo fato de que produz uma verdade, que ao mesmo tempo faz as pessoas sofrerem, mas também as libertam. Chartier chama atenção para o fato de que, ao contrário da história que “fala dos mortos”, a sociologia debruça-se sobre algo que pode ser confrontado com o discurso dos que são analisados.

Bourdieu não economiza críticas ao fazer do historiador, apontando para a necessidade de historicizar as categorias históricas, afirmando que este tende a ceder ao anacronismo, ao se utilizar de palavras para falar de realidades em que estas não eram utilizadas, ou tinham outro sentido, contudo, não poupa também o fazer sociológico, apontando que o risco deste recai no etnocentrismo, ao buscar universalizar casos particulares.

Em *Ilusões e conhecimento*, Bourdieu chama a atenção ao fato de que a sociologia diz coisas que ninguém quer saber, nem mesmo seus leitores, o que é reforçado pela fala de Chartier, ao questionar se o desnudamento da realidade, separado de qualquer esperança messiânica não um crescimento interminável do sofrimento, o que seria um obstáculo à produção da crítica, tanto no campo da sociologia quanto no campo da história.

Já no terceiro capítulo, intitulado *Estruturas e indivíduo*, traz à tona um célebre tema do campo das ciências humanas. Chartier inicia o debate apontando que as ciências humanas estariam empenhadas, naquele momento, na busca da resolução de um possível dilema, entre as abordagens que privilegiam as hierarquias e posições objetivas, por um lado, a tentativa de restituir as “ações, estratégias e representações dos indivíduos, assim como as relações que lhes servem de ligação.” (p. 45), ainda segundo Chartier, no campo da história haveria uma mudança em curso, após um longo domínio da história social, de modo que os historiadores estariam, nesse momento, preocupados em tentar pensar os papéis dos sujeitos, daí o retorno da biografia.

Bourdieu reconhece que esta tensão se coloca tanto no campo da história, quanto no da sociologia, contudo, aponta que tais oposições entre micro/macro, objetivo/subjetivo são falsas, que não resistiriam a uma análise teórica mais acurada, contudo, ainda que sejam falsos problemas estes se encontrariam enquanto verdadeiros problemas políticos, e mais que isso, seriam oposições úteis, pois, permitiriam realizar ora uma abordagem objetivista, ora uma abordagem subjetivista.

Mais uma vez esses dois intelectuais voltam a debater de forma comparativa o ofício do historiador e do sociólogo, Chartier chama a atenção para fato de que “O discurso histórico, solvo em determinados casos e em relação à história do século XX, é um discurso que revigora os ânimos e inspira confiança.” (p. 53), a sociologia seria, ao contrário, uma ciência problemática, o que na perspectiva de Bourdieu constitui uma fragilidade não para esta, mas sim para a história, segundo ele:

Penso que uma das mais importantes fragilidades da história – todos os meus amigos são historiadores; portanto, não sou suspeito de ser maldoso – é que, no fundo, ela não está submetida a essa espécie de provação permanente a ser suportada pelo sociólogo, que incessantemente, deve justificar sua existência, que nunca pode considerar sua existência como algo adquirido de forma definitiva. (p. 55).

O fato de ser “problemática” levaria a sociologia a revisitar constantemente seus fundamentos, tornando-a cientificamente mais progressista.

No quarto capítulo, *Habitus e campo*, o debate adentre em duas das principais categorias presentes na obra de Bourdieu. O primeiro esclarecimento neste capítulo se dá em torno do fato de que a categoria *habitus* é bastante antiga, remetendo a Aristóteles, passando por São Tomás de Aquino etc., segundo Bourdieu esta categoria é importante por chamar a atenção de que os agentes possuem uma história, são produtos de uma história. Ao mesmo tempo em que as experiências que o agente venha a ter tende a confirmar o *habitus* deste, ele também seria uma categoria aberta, passível de modificações ante a novas experiências.

Para Bourdieu a compreensão da formulação do campo, enquanto uma constituição histórica forjada nas relações de poder estabelecida entre os agentes, bem como no volume total e estrutura dos capitais simbólicos que estes possuem, ajudaria a compreender alguns anacronismos realizados no campo da investigação histórica.

O conceito de campo possibilitaria, portanto, historicizar o próprio fazer histórico, na medida em que busca compreender a configuração e formação do tecido social. Interessante destacar que para além de uma contribuição da sociologia ao campo histórico, o que poderia se mostrar bastante frutífero, podemos vislumbrar uma contribuição da história à ciência sociológica, pois, a análise da gênese e

dinâmica de determinado campo, pressupõem uma compreensão histórica do mesmo, no quinto capítulo, ao se debruçar sobre as questões do campo artístico, em especial a partir de Manet, Flaubert e Michelet, este aspecto fica mais evidente.

Bourdieu coloca que Flaubert e Manet devem ser considerados como fundadores de um campo, para compreender a realidade dos mesmo o autor se propõe a realizar uma análise original, por perceber que estes agentes fundam um campo a partir do momento em que apresentam gostos incompatíveis com o campo posto. Ainda segundo Bourdieu:

O problema consiste em procurar saber como surge esse gosto: o que existe em Manet, em seu capital, sua origem e sua família, mas, sobretudo, em seu universo social de relações, seus amigos, etc.? Faço um trabalho que, por estranho que pareça, nunca havia sido efetuado por nenhum historiador ou, então, limitado à apresentação de aspectos secundários. (p. 70-71).

Esta análise, todavia, deve considerar que não existe uma relação direta e automática entre a ação dos agentes e o campo, em especial, considerando que o campo possui suas leis, sem que haja nem nomóteta.

Parecem, portanto, retomar o debate que incitaram no capítulo 3, em torno da relação entre agente e estrutura, apontando para o fato de que as práticas dos agentes são norteadas pela sua posição na estrutura social sem se reduzir a ela. Por fim, os autores realizam uma breve digressão acerca da literatura, e de como os romancistas, por vezes, encontram-se adiantados na compreensão das estruturas sociais com relação aos sociólogos e historiadores, apontando que estes apresentam um diálogo mais fluído com a literatura, em relação àqueles.

Na segunda parte do livro, em seu posfácio, intitulada *Pierre Bourdieu e a história*, há a transcrição de um debate entre Roger Chartier e José Sérgio Leite Lopes em torno da relação da obra de Bourdieu com o campo da História. Chartier anuncia desde o princípio que focará sua exposição em dois pontos: a contribuição de Bourdieu para a prática da Sociologia, Antropologia e História Cultural, e para a definição de uma dimensão histórica de todas as ciências sociais, não apenas a história.

Para Chartier a categoria de campo introduzida por Bourdieu passa ser fundamental para a própria compreensão da realidade social, destacando aí o livro *As Regras da Arte*, publicado em 1992, uma vez que "(...) para a reflexão dos

historiadores que tratam da cultura particularmente escrita e literária dos séculos XVI e XVII, este livro pôde modificar nossa visão tradicional” (Ibidem, p. 91-92), seu esforço intelectual de pensar o processo de autonomização do campo artístico tendo como marco Flaubert e Manet mostrar-se-ia fundamental para toda uma reflexão da História Cultural. Destaca Chartier que o mais relevante seria trabalhar com Bourdieu para analisar períodos históricos que não foram tão relevantes em sua obra, “Trabalhar com seus conceitos, mas ir além, trabalhar com as suas perspectivas, com a ideia de um pensamento relacional e a repulsa à projeção universal de categorias historicamente definidas.” (Ibidem, p. 95), a ideia seria não apenas reproduzir sua teoria, mas sim inovar a partir de seus instrumentos teóricos, analíticos e críticos.

O segundo ponto que Chartier chama a atenção se dá a partir da citação “*Il n’y a pas d’au-delà de l’histoire*” [“Não há nada para além da história”], que indicaria uma dimensão fundamental para todas as ciências sociais. Para o autor, Bourdieu contribuiu para o distanciamento dos historiadores “(...) da herança da história das mentalidades para refletirem de forma mais complexa, ou mais sutil, sobre a relação entre as determinações externas, a incorporação destas determinações e, finalmente, as ações.” (Ibidem, p. 101).

Já José Sergio Leite Lopes inicia sua reflexão a partir de uma digressão em torno da biografia intelectual de Bourdieu, chegando em *Às Regras da Arte*, onde “(...) progressivamente, o próprio conceito de campo vai se atualizando como uma especificação histórica, e a importância da sua constituição histórica e de suas transformações adquirem um peso muito grande.” (Ibidem, p. 112), o conceito de campo seria fundamental para compreender que mesmo diante de seus embates com os próprios historiadores franceses, Bourdieu compreendia que a formação era importante mas que se diluía no projeto intelectual mais amplo.

Andre Daher ingressa no debate destacando também a recepção da obra *A Distinção*, publicado em 1979, por parte dos historiadores. José Murilo de Carvalho aponta para a tensão que se estabelece na categoria de campo, quando há uma tentativa de transposição mecânica do mesmo, que se aplicaria melhor à modernidade segundo Carvalho, em seu entender “(...) há outros conceitos fundamentais para Bourdieu que podem suportar a descontinuidade histórica. Quanto ao conceito de campo, não me parece ser assim.” (Ibidem, p. 119).

Este amplo debate, que se alonga ao discutir as possibilidades que Bourdieu abre com a categoria de *habitus* para se pensar a dimensão da biografia, sem que com isso se perca a dimensão da totalidade social, sendo uma das saídas mais engenhosas para se pensar a relação entre agencia e estrutura, indica quão profícuo é o debate entre a Sociologia e a História. O debate que se estabelece a partir da obra de Bourdieu, pode nos levar a reflexões mais amplas em todo da dinâmica que se estabelece entre as diversas ciências sociais.

Recebido em Março de 2013
Aprovado em Março de 2013